



GT 04. Antropologia Biológica e interfaces biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Coordenador(es):

Verlan Valle Gaspar Neto (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Pedro Jose Tótora da Glória (Universidade Federal do Pará)

A história da Antropologia Biológica remonta, pelo menos, ao século XIX, tanto nos chamados centros irradiadores (EUA e Europa) quanto em outros países, inclusive no Brasil. Das primeiras investigações até os dias atuais, a Bioantropologia brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, praticamente inexistem hoje, no Brasil, espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as ciências humanas, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Inspirada em iniciativas como o simpósio “Reintegrating Anthropology” (Portugal, 2016), organizado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, e o livro editado por Tim Ingold e Gisli Palsson, *Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology* (2013), a proposta deste GT é abrir espaço a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre Biologia e Antropologia no e a partir do Brasil.

Análise do uso de plantas medicinais a partir dos fatores renda, escolaridade e faixa etária em uma comunidade do Nordeste Paraense

Autoria: Edivandro Ferreira Machado (Museu Paraense Emílio Goeldi)

As plantas medicinais acompanham o ser humano desde a sua gênese. Foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados por ele. Na contemporaneidade, muitas pessoas ainda são dependentes dos sistemas tradicionais de cura em todo o mundo. Neste contexto, os saberes tradicionais, que são passados majoritariamente por meio da oralidade, assumem notória importância nas comunidades tradicionais, singularmente as amazônicas. Nos dias que seguem, há uma tendência de que pessoas que possuem maior renda mensal façam menor uso de plantas medicinais, exatamente por terem dinheiro suficiente para comprar fármacos. Por outro lado, quem tem menor renda acaba buscando nas plantas medicinais uma forma de tratamento da saúde humana. Esta tendência também é presente no fator escolaridade, onde quem apresenta maior grau de formação e consequentemente de informação, acaba utilizando menos a fitoterapia e quem, por variados motivos, tem menos acesso à informação, se utiliza mais desta prática. No que segue, nas comunidades tradicionais há uma tendência de que as pessoas mais velhas tenham um maior domínio sobre o uso e preparo dos fitoterápicos, remédios caseiros. São pessoas que têm saberes acumulados, estando responsáveis por repassá-los aos mais novos. Em vista disso, tencionou-se, com este estudo, analisar o uso de plantas medicinais na comunidade rural do Segredinho, Capanema, Nordeste Paraense, a partir dos fatores renda, escolaridade e faixa etária. Então, por meio da aplicação de entrevistas com roteiro semiestruturado, no mês de maio de 2019, entrevistou-se 30 pessoas, das quais 80% eram mulheres. Na posterior análise e interpretação dos resultados, confirmou-se as tendências supramencionadas. Sim, quem apresentou menor grau de formação e menor renda, fazia maior uso das plantas medicinais. Em contrapartida, quem expôs maior renda e grau de escolaridade, denotou utilizar menos vegetais com fins medicinais. As “bibliotecas vivas” da comunidade, isto é, os moradores mais velhos, apontaram possuir um



domínio significativo sobre as plantas medicinais. Fica notório que há um grande uso de plantas medicinais na comunidade rural do Segredinho para o cuidado, manutenção e recuperação da saúde humana. Algumas explicações plausíveis podem ser postas: a comunidade fica relativamente distante de grandes centros urbanos, há ausência de posto de saúde, há uma grande diversidade desses vegetais nos quintais agroflorestais e na mata circundante; o fácil acesso a estas plantas, a fé que move os comunitários. Evidentemente essa fé, o acreditar no poder curativo das plantas não é recente, é algo introspectivo, relacional e transgeracional da comunidade. De qualquer forma, destaca-se uma forte reciprocidade entre a comunidade e o ambiente natural.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: